

25 MAR 1987

JORNAL DE BRASÍLIA
Política

ANC pag 4

Mulher diverge sobre atuação de seu Conselho

O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher — CNDM — distribui hoje aos parlamentares a "Carta das Mulheres à Assembléia Nacional Constituinte" e realiza, amanhã, no Salão Nobre da Câmara dos Deputados, um ato público com a participação de lideranças feministas e integrantes do movimento de mulheres, para a entrega oficial aos constituintes.

O documento não conta com o apoio unânime da bancada de 26 mulheres parlamentares. As deputadas Abigail Feitosa (PMDB-BA) e Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), por exemplo, não aceitam o assessoramento do CNDM e recusam-se a discutir a questão da mulher a partir de propostas prontas. Elas seguem o coro de críticas, desencadeado por recentes declarações da deputada Bete Azize (PSB-AM).

Maria Aparecida Schumaer, secretária-executiva do CNDM, defende a postura do Conselho como fruto do

Josemar Gonçalves



Abigail defende a discussão



movimento social: "O documento é resultado do encontro "Mulher e Constituinte", do qual participaram cerca de 2 mil mulheres, advindas dos movimentos de mulheres de todo o país". Entre as propostas apresentadas, ela ressalta os direitos iguais para o trabalhador urbano e rural, com a eliminação da proteção à mulher, ressaltados os direitos da gestante; o fim do "cabeça do casal" e do "pátrio poder", presentes na atual legislação; a concepção de crime inafiançável para qualquer tipo de discriminação e a criação pelo Estado de uma rede nacional de creches.

Críticas

Para a deputada Abigail Feitosa (PMDB-BA), participante do movimento de mulheres da Bahia e uma das pessoas que ajudou a estruturar o CNDM, o Conselho está hoje muito distante de sua proposta original: "Quando pensamos no Conselho, pensamos num órgão que fosse, na prática, em defesa das mulheres carentes do país. Ele hoje transformou-se numa coisa de discussões literárias ou artísticas, algo assim como uma Academia de Notáveis".

Já Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) afirma não ter qualquer afinidade com a mentalidade, as idéias e as atividades do Conselho da Mulher. Para a parlamentar, radicalmente contra o aborto, o Conselho é machista, além de instrumento de multinacionais, ao sair em sua defesa: "A primeira idéia de um homem que não quer assumir um filho é convencer a mulher a abortá-lo, é uma tese machista. Temos que lutar é contra as circunstâncias que levam a mulher a abortar, como o preconceito e a injustiça social. Além disso, ao defender o aborto, o Conselho faz o jogo das multinacionais das pílulas e das camisinhas de venus".